

VOZ DA FÁTIMA

Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus

Escultura centenária visita exposição que a evoca e fica exposta à contemplação dos peregrinos

Santuário de Fátima assinala no dia 13 de junho a chegada da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima à Cova da Iria com exposição da Imagem.

Carmo Rodeia

A escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que se venera na Capelinha das Aparições, vai estar mais próxima dos peregrinos, quando na tarde do dia 13 de junho, após as celebrações da Peregrinação Internacional Aniversária, for deslocada por umas horas para a exposição "Vestida de Branco".

A Imagem irá estar na exposição comemorativa que evoca o seu centenário e juntar-se-á, no núcleo V da referida exposição, às oito esculturas de Nossa Senhora de Fátima criadas por variados autores eruditos que interpretaram as descrições dos videntes e seguiram de forma mais próxima ou mais distante o modelo inicial criado em 1920.

A escultura, que se tornou num

dos ícones marianos mais conhecidos e replicados em todo o mundo, foi encomendada em 1919 por um devoto de Torres Novas, Gilberto Fernandes dos Santos, à Casa Fânzeres, de Braga.

Obra do santeiro José Ferreira Thedim, inspirada numa imagem de Nossa Senhora da Lapa, venerada em Ponte de Lima, a Imagem foi modelada e executada conforme o relato das videntes, tal como lhe foi transmitido pelo cônego Manuel Formigão.

Com 1,04 metros de altura, a escultura foi produzida em cedro do Brasil, ficando a cargo da Casa Teixeira Fânzeres, de Braga, a aplicação de policromia e de dourados.

A Imagem foi benzida em 13 de maio de 1920 pelo pároco de Fátima, padre Manuel Marques Ferreira, na Igreja Pa-

roquial, tendo sido levada para a Capelinha das Aparições apenas um mês depois, porque na altura as manifestações religiosas estavam proibidas pelo Regime Republicano.

Durante a noite, a Imagem era recolhida pela zeladora Maria Carreira – conhecida por Maria da Capelinha –, razão pela qual escapou incólume ao atentado de 6 de março de 1922, que destruiu parcialmente a Capelinha.

Desde maio de 1982, com a renovação da Capelinha das Aparições a tempo da primeira visita de João Paulo II, que a Imagem assenta no exterior da Capelinha numa peanha que assinala o local exato onde se encontrava a azinheira (entretanto desaparecida por ação dos devotos) sobre a qual Nossa Senhora apareceu aos três Pastorinhos.

EDITORIAL

O mais significativo símbolo de Fátima

Pe. Carlos Cabecinhas

No presente mês de junho, completam-se cem anos da chegada da imagem de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha das Aparições, à Cova da Iria. Aquela escultura, tão significativa para todos os peregrinos e devotos, tornou-se, no decurso de um século, num dos mais conhecidos ícones de Nossa Senhora no mundo católico. Sendo a primeira de uma série, dá início a uma nova representação de Maria e sob um título novo: Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

A imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima é o mais significativo símbolo de Fátima, dos acontecimentos que lhe deram origem e da sua mensagem; mas é igualmente elemento que caracteriza quer as celebrações litúrgicas quer os atos devocionais dos peregrinos que acorrem ao Santuário da Cova da Iria.

A veneração de imagens faz parte da tradição da Igreja. Quem venera uma imagem, não adora a materialidade da escultura ou pintura, pois só

se adora a Deus, mas venera a pessoa que nela está representada. A esta luz, a veneração da escultura de Nossa Senhora de Fátima entende-se como forma de presença de Nossa Senhora, que se encontra já na glória, junto de Deus, mas continua a acompanhar os seus filhos que peregrinam sobre a terra, como convite a escutar e a acolher a sua mensagem neste lugar, como desafio à imitação da sua atitude crente e do seu itinerário de fé.

Se o sentido da veneração das imagens se encontra na sua função de mediação, na sua capacidade de nos remeter para aqueles que nelas são representadas, neste caso, Nossa Senhora, só se a imagem deixasse de ser mediação, se o movimento se detivesse nela, é que a imagem se tornaria problemática, porque se transformaria em ídolo. A escultura original de Nossa Senhora de Fátima, venerada na Capelinha, não é um fim em si mesma: é uma importante mediação.

Em Fátima, os modos de venera-

ção à imagem de Nossa Senhora, na Capelinha das Aparições são muito variados: os peregrinos rezam diante da imagem, nomeadamente o rosário; entregam as suas preces por escrito, para que sejam colocadas na peanha sobre a qual está a escultura; cumprem as promessas de joelhos, descendo o Recinto de oração em direção à Capelinha ou na própria Capelinha; oferecem flores para ornamentar a Capelinha onde está a Imagem ou o andor que a transporta; oferecem velas, que acendem no tocheiro, situado junto da Capelinha; fazem ofertas de objetos significativos a Nossa Senhora. Nas grandes peregrinações, quando a Imagem passa iluminada por um mar de luz ou saudada pelo acenar de lenços brancos, é esta relação única com Nossa Senhora que ali se expressa.

É o reconhecimento da importância desta Imagem para os peregrinos que nos leva a dedicar-lhe uma especial atenção e a assinalar este centenário tão significativo.

Imagem de Nossa Senhora de Fátima Áxis do Santuário de Fátima

Maria Isabel Roque | Professora de História de Arte na Universidade Católica Portuguesa

Em agosto de 1919, um devoto, Gilberto Fernandes dos Santos (1892-1964), mandou fazer na Casa Fânzeres, em Braga, uma imagem de Nossa Senhora para colocar na capelinha que estava a ser construída no local das Aparições. Entretanto, o P. Manuel Nunes Formigão (1883-1958) deixou, na oficina de Braga, anotações que orientaram a construção da imagem de acordo com os testemunhos dos Pastorinhos, Lúcia, Jacinta e Francisco. Havendo algumas discrepâncias na exposição dos detalhes, os relatos convergiam na descrição feita por Lúcia no interrogatório de 17 de setembro de 1917: «uma Senhora extremamente bela vestida de branco, com um manto igualmente branco, mas dourado [...]»; como que pousou sobre uma pequena carrasqueira, de pé, com as mãos postas onde pendiam umas contas brancas, mas lindíssimas» (Documentação Crítica de Fátima. Seleção de Documentos (1917-1930), Santuário de Fátima, Fátima, 2013, doc. 9, p. 48). A insistência na alvura das vestes determinou uma rutura nas representações marianas, tradicionalmente mais coloridas em declinações de azul, vermelho e ouro.

A realização da imagem foi incumbida a José Ferreira Thedim (1892-1971). Procurando seguir o testemunho dos videntes, Thedim encontrou o modelo (ou arquétipo) na imagem de Nossa Senhora da Lapa, no catálogo da Casa Estrela no Porto, de 1910, atualmente na igreja de Nossa Senhora da Lapa, de Ponte de Lima, diocese de Viana do Castelo. Thedim introduziu algumas alterações na construção da imagem-tipo de Nossa Senhora de Fátima, de forma a corresponder às descrições. Em 1951, Thedim aproveitou uma operação de limpeza para lhe aplicar alguns retoques e pequenas alterações, no sentido de uma maior simplicidade formal, tornando definitiva a imagem que se venera na Capelinha das Aparições como tipo iconográfico de Nossa Senhora de Fátima.

A imagem é representada de

pé, com a cabeça ligeiramente inclinada à esquerda e o olhar dirigido para baixo. O rosto, de feições delicadas, tem uma expressão compassiva, quase plangente. Veste túnica e sobretúnica e traz um manto comprido posto sobre a cabeça e a envolver o corpo. As vestes são brancas, mas o manto é orlado por uma faixa de ornatos dourados, tal como o cordão com borla e a estrela na parte inferior da túnica. A imagem tem as mãos postas à altura do peito, em atitude de oração. Assenta os pés descalços na nuvem que lhe serve de peanha, em triângulo invertido, sobre uma base marmoreada. Sobre as mãos, apresenta um terço que constitui o atributo mais es-

“Foram os crentes que determinaram a iconografia e adotaram a imagem, tornando-a o signo material das Aparições e da devoção”



pecífico da sua titularidade como Nossa Senhora do Rosário. Partindo deste modelo, as esculturas devocionais de Nossa Senhora de Fátima, desde a década de 1920, proliferam por todo o mundo, seja em altares de igrejas ou em oratórios domésticos. É esta a imagem matriz de Nossa Senhora de Fátima, em função da qual se define o tipo iconográfico, um dos mais relevantes do catolicismo contemporâneo, e se elaboram os subtipos Virgem Peregrina e Imaculado Coração de Maria de Fátima.

Foram os crentes que determinaram a iconografia e adotaram a imagem, tornando-a o signo material das Aparições e da devoção a Nossa Senhora de Fátima. As tentativas académicas de criar uma alternativa erudita à obra de santeiro, como a escultura de António Teixeira Lopes, criada onze anos depois, não foram aceites pela devoção popular que se projeta melhor no estereótipo de Thedim, citação literal do relato dos videntes.

A imagem foi solenemente coroada a 13 de maio de 1946, com a coroa de ouro, pérolas e pedras preciosas, executada na Joalheria Leitão & Irmão e oferecida por iniciativa de um grupo de mulheres portuguesas como sinal de gratidão por os seus maridos e filhos terem sido poupados à Segunda Guerra Mundial. Nesta coroa, dita preciosa, foi encastada a bala que, a 13 de maio de 1981, atingira o Papa João Paulo II, o que a torna num duplo ex-voto gratulatório à Virgem de Fátima. Esta coroa é reservada às grandes celebrações, sendo habitualmente usada uma coroa de prata dourada.

Na Capelinha das Aparições, a imagem, protegida por uma redoma de vidro, encontra-se colocada numa estrutura pêtrea que a eleva acima do olhar e marca o local da azinheira onde a Virgem apareceu aos Pastorinhos. Numa reconstituição simbólica do tema das Aparições, a imagem marca o eixo do Santuário, ponto de convergência do culto e da peregrinação.

Mitos sobre a primeira Imagem de Nossa Senhora de Fátima

A partir da peça nº128 da Exposição “Vestida de Branco”

A ESCULTURA FOI FEITA SEGUNDO AS INDICAÇÕES DE LÚCIA?

A escultura foi inspirada no testemunho dos videntes, mas concebida a partir dos apontamentos de Manuel Nunes Formigão.

A ESCULTURA RESULTA DE UM CONCURSO EM QUE TEIXEIRA LOPES, ESCULTOR ERUDITO, PERDEU?

A escultura é resultado de encomenda de um devoto, 11 anos antes de Teixeira Lopes esculpir o tema.

QUANTAS VIAGENS FEZ A ESCULTURA?

A escultura fez 12 viagens com sentido cultural, 3 delas ao Vaticano, a pedido dos Papas.

ONDE ESTAVA A ESCULTURA NA MADRUGADA DA DINAMITAÇÃO DA CAPELINHA?

Nos primeiros tempos, a Imagem era recolhida por Maria Carreira, zeladora da Capelinha das Aparições, para sua casa, onde se encontrava quando se deu o atentado de 1922.

A ESCULTURA QUE SE VENERA JÁ NÃO É A QUE FOI CRIADA EM 1920?

Embora tenha sofrido ligeiras alterações que o autor, numa campanha de “restauro”, lhe fez, a escultura é a mesma que José Ferreira Thedim esculpiu em 1920.

PARA A ESCULPIR, O AUTOR FALOU COM A VIDENTE LÚCIA?

Conhecedor das informações que lhe foram deixadas por Manuel Nunes Formigão, que interrogou os pastorinhos, o autor inspirou-se na escultura de Nossa Senhora da Lapa, que se venera em Ponte de Lima.

DE QUE MATERIAIS É FEITA A ESCULTURA?

A escultura é constituída por blocos de madeira de cedro do Brasil (Cedrela odorata L.). Tem várias camadas cromáticas e os motivos dourados são feitos com folha de ouro de 22 e de 23,5 quilates. Os olhos são de vidro e nas vestes e manto foram incrustados diamantes, pedras de cristal de rocha e vidro.

QUAIS SÃO AS DIMENSÕES DA ESCULTURA?

A escultura mede 104 cm de altura e pesa 18,64 kg.

QUANTAS COROAS TEM A ESCULTURA?

Existem duas coroas de prata dourada e uma coroa com pedras preciosas. A coroa principal é colocada na escultura nos dias solenes: dias treze, de maio a outubro; na solenidade da Assunção e na solenidade da Imaculada Conceição.

A ESCULTURA TEVE SEMPRE O MESMO TERÇO?

Foram vários os terços que a escultura ostentou. O atual foi-lhe colocado em 2013, aquando da sua última viagem a Roma. Trata-se do terço oficial do Santuário de Fátima, numa versão única: é feita de ouro e de contas de cristal de rocha.

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar
8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacao@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

A inquietante fortuna crítica da Imagem de Nossa Senhora de Fátima

Marco Daniel Duarte | Diretor do Museu do Santuário de Fátima



Não raramente, encontramos amplificadas apreciações acerca da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, surjam daqueles que a ela se encontram ligados por uma relação devocional, surjam daqueles que para ela olham apenas como peça artística. A sua inquietante eficácia comunicacional fez aparecer múltiplas justificações para o entendimento, muito plural, daquela escultura tomada como a vera-efígie da Virgem de Fátima, muitas vezes olhada como peça de beleza superior, muitas vezes olhada como peça desenquadrada dos cânones artísticos da época da sua criação. A comunidade artística, e não só, tende a desvalorizá-la, alimentando muitas vezes essa desvalorização com o mito — rotundamente falso — de que aquela peça resulta de um concurso artístico do qual, mercê da incultura dos decisores, sai vencedor um santeiro em detrimento de um escultor acadêmico; daqui surgem reações a sublinhar que a escultura é fraca, de gosto saintsulpiciano, reveladora de uma iconografia pobre e, mais que simples, simplória. A comunidade dos crentes, e não só, olha para ela como uma especial imagem da Virgem Maria e nela se revê de forma sensorial, sublinhando tratar-se de uma das mais belas imagens da Mãe de Cristo, ao ponto de ter rece-

bido, inclusive da hierarquia da Igreja, os mais altos elogios e atenções: o papa Pio XII reconheceu-a como taumaturga; o papa Paulo VI depositou diante de si um rosário de prata; o papa João Paulo II tinha com ela uma especial relação psicológica; o papa Bento XVI interpretou as joias da sua coroa; o papa Francisco falou do seu olhar e do seu sorriso.

“A comunidade artística, e não só, tende a desvalorizá-la, alimentando muitas vezes essa desvalorização com o mito.”

Contudo, o poderoso vigor da escultura criada em 1920 para veneração na Cova da Iria reside, ao contrário do que muitas vezes é assumido, na plasticidade das suas formas, bem mais complexas do que à primeira vista parecem: como qualquer obra de arte, também esta apresenta características intrínsecas e características extrínsecas à materialidade formal, fazendo acontecer sentimentos, sensações e reações transmitidas ao cérebro de quem se detém na expressão plástica de que se reveste.

Entre as características extrínsecas à sua composição formal

estão todas as que derivam da história centenária que carrega, a de se ter transformado num ícone da mensagem que representa e que tanto diz a uma parte significativa da humanidade (aqui se observa a sua relação com as multidões que para ela olham e a tomam como objeto devocional que representa a entidade cultuada; aqui se observa o facto de, na sua história, ter auferido elementos visuais e simbólicos como são a coroa e a bala nesta incrustada; aqui se observa a singularidade de a imagem se encontrar sempre na sua Capelinha, numa espécie de jardim fechado sublinhado pela redoma que a protege e dignifica e, ao mesmo tempo, a afasta e apresenta aos seus devotos). Porém, essas características intangíveis derivam das formas plásticas que revestem esta específica titulação de Maria, novidade a partir de 1917, escultoricamente apresentada a partir de 1920.

A fortuna crítica desta imagem, inquietante pela eficácia comunicacional desta peça, deve-se à complexa síntese operada pelas características intrínsecas à sua materialidade condensadoras de uma série de arquétipos que a arte mariana assimilou ao longo de séculos e que, mercê da conjuntura específica da encomenda e dos agentes que com ela lidaram, se consolidou

na Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Assim, na escultura que José Ferreira Thedim criou em 1920, com aquelas particularidades plásticas, encontra-se: a figuração da Virgem de pé, imagem da mulher de fortaleza que, junto à Cruz, se torna mãe; a representação da mulher grávida de Deus, ao modo da iconografia da Imaculada dos dias de Trento, e à maneira do arquétipo do feminino, qual figura sempre orante, de mãos justapostas em oração à altura do peito; o desenho da Torre de Marfim, espécie de coluna de brancura inexpugnável, pouco escavada, como tronco criselefantino a acentuar a verticalidade que a humanidade procura desde o tempo dos vigorosos menires; a imagem da mulher soberana que se reveste do manto e da coroa de rainha, a forma da mulher que enverga a túnica batismal dos eleitos de Cristo, também imagem da santidade e, ao mesmo tempo, imagem da esposa do Espírito revestida do traje nupcial, adornado do ouro fino que é sempre simbólico da forma como os povos interpretam a divindade; a imagem cristófora materializada pelas contas do rosário de que se faz custódia; o gesto do rosto com olhar doce e protetor, carregando, também, o sentido menos plástico, mas claramente iconológico, da “Mater omnium”.

A todos estes soma-se a novidade formal da estrela da veste, associada à “Stella Matutina”, e, acima do mais, a novidade formal de ser uma escultura “toda branca”, o mesmo é dizer, “tota pulchra” (bela, imaculada, sem mancha, no que significam estas palavras no contexto da semântica cristã), a partir da brancura das vestes — no tempo contemporâneo também interpretadas com o sentido da paz — que as imagens da Mãe do Deus dos cristãos até 1920 nunca tinham experimentado.

“Nesta escultura a matéria transformou-se em arte e a arte transformou-se em ícone”

Como qualquer obra de arte, também esta não pode separar-se dos vários traços semânticos que, no seu todo, transporta e, esteticamente, transmite ao observador; este, inevitavelmente conclui: nesta escultura, a matéria transformou-se em arte e a arte transformou-se em ícone. Não perceber este dialético caminho — afinal comum a tantas obras de arte da história da humanidade — é não entender a inquietante fortuna crítica de uma escultura.

São João Paulo II e a Virgem de Fátima

Piero Marini | Cerimoniário do Papa São João Paulo II (texto editado pela redação, por forma a apresentar uma síntese do escrito original)

No dia 18 de maio de 2020 comemorou-se o centenário do nascimento do Papa S. João Paulo II. A comemoração ocorreu a pouca distância de uma outra recorrência centenária: a entronização, no mês de junho de 1920, da imagem de Nossa Senhora de Fátima na Capelinha das Aparições. [...] Durante os anos em que fui responsável por preparar e dirigir as celebrações do Papa, tive a possibilidade não só de compreender mas também de partilhar com o Papa a sua espiritualidade mariana, a sua ligação filial com a Mãe do Senhor [...].

A ligação entre S. João Paulo II e a Virgem Maria foi certamente muito intensa e tem como nota caracterizadora o sentido materno-filial: a Mãe do Senhor é também, verdadeiramente, nossa mãe na ordem da graça ou da vida sobrenatural [...].

Esta profunda ligação com a Virgem Maria foi expressa no início do seu pontificado, chamando ao seu brasão, com a letra M, a presença de Maria junto à cruz [...]. A sua confiança em Maria não era episódica mas acompanhava-o em cada dia, desde o nascer do sol até ao seu ocaso, e em cada ato significativo do seu pontificado.

As formas com as quais João Paulo II manifestou a sua piedade constante para com a Virgem são variadas. Antes de tudo, a oração pessoal quotidiana: em várias ocasiões a sua piedade mariana assumia a forma de uma peregrinação, de um jejum de uma súplica particular, de gestos públicos que todos podiam ver, como a coroação de uma Imagem da Virgem, gesto que o Papa realizou centenas de vezes, e de gestos privados que só Deus conhece [...].

Na vida e na pastoral de João Paulo II os santuários marianos constituíram, desde sempre, um "capítulo importante". É conhecido que nas suas viagens apostólicas o Papa cumpria infalivelmente uma visita ao santuário mais importante do país ou do território visitado. Na encíclica *Redemptoris Mater*, João Paulo II cunhou a expressão "geografia dos santuários" para indicar a sua existência em cada diocese e para assinalar a sua função de símbolos da presença operante da Virgem na vida da Igreja [...].

Em Fátima, João Paulo II sentia-se em casa [...]. A primeira peregrinação do Papa, a 13 de maio de 1982, teve um motivo especial, dado que o sumo pontífice atribuiu à Virgem de Fátima uma particular proteção na ocasião do atentado que sofreu exatamente a 13 de maio de 1981: se uma mão

puxou o gatilho da pistola, foi uma outra «mão materna a guiar a trajetória da bala», aquela da Virgem «permitindo ao Papa agonizante parar à porta da morte».

O próprio Papa disse que a sua peregrinação a Fátima, em 1982, se devia à proteção da Virgem: «Venho aqui hoje porque exatamente neste dia do ano passado, na praça de S. Pedro em Roma, verificou-se o atentado à vida do Papa, misteriosamente coincidente com o aniversário da primeira aparição em Fátima, que teve lugar a 13 de Maio de 1917. Estas datas encontraram-se entre si de tal modo que me pareceu reconhecer nelas um particular chamamento em vir aqui. E eis que hoje estou aqui. Vim agradecer à Divina Providência, neste lugar que a Mãe de Deus parece ter particularmente escolhido» (Homilia, Fátima, 13 de maio de 1982).

A Virgem de Fátima, naquela ocasião, foi verdadeiramente para o Papa a Mãe que lhe tinha salvado a vida. Naquela peregrinação, o Papa confirmou também para toda a Igreja a mensagem de Fátima: «Com que coisa se apresenta, hoje, diante da Mãe do Filho de Deus, no seu santuário de Fátima, João Paulo II, sucessor de Pedro... e especial herdeiro do Concílio Vaticano II? Apresenta-se relendo com trepidação aquele chamamento materno à penitência, à conversão: aquele chamamento ardente do coração de Maria que ressoou em Fátima há 65 anos» (Homilia, Fátima, 13 de maio de 1982).

[...] Das duas peregrinações do Papa, na s

quais participei (1991 e 2000), as recordações mais vivas são as da segunda viagem. Apraz-me assinalar aqui alguns eventos que ligam ainda mais a piedade mariana de S. João Paulo II a Fátima.

A primeira recordação refere-se ao sábado, 13 de maio de 2000, antes da celebração da Missa. Na sacristia pude assistir a uma parte do encontro entre S. João Paulo II e a Irmã Lúcia. Recordo que a Irmã Lúcia trazia uns óculos com lentes muito grossas. D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva, Bispo de Leiria-Fátima, era o intermediário entre o Papa e a Irmã Lúcia. Ele, em voz alta, explicava à Irmã Lúcia as per-

guntas do Papa. E, quando necessário, explicava ao Papa as respostas dadas pela Irmã. Este encontro é uma das recordações ligadas a Fátima que não posso esquecer.

A segunda recordação forte é o Rito de Beatificação dos dois "Pastorinhos" feito pelo Papa [...].

A terceira recordação forte é constituída pelas palavras que o cardeal Angelo Sodano, Secretário de Estado, proferiu sobre a Terceira Parte do Segredo de Fátima: «Segundo a interpretação dos "Pastorinhos", interpretação confirmada também recentemente pela Irmã Lúcia, o "Bispo vestido de branco" que reza por todos os fiéis é o Papa. Também Ele caminhando fatigadamente para a cruz entre os cadáveres dos martirizados (bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e numerosos leigos, cai por terra como morto, debaixo dos golpes da arma de fogo)». [...]

S. João Paulo II não só se deslocou a Fátima para venerar a Virgem Maria, mas Ele quis também que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima o visitasse em Roma. Recordo duas visitas da Imagem da Virgem a Roma: a 25 e março de 1984 e a 7 de outubro de 2000 por ocasião do jubileu dos bispos. Exatamente em tais ocasiões, João Paulo II teve a possibilidade de manifestar, de modo particular, o seu amor filial pela Senhora de Fátima. Para o Papa a visita não parecia a de uma Imagem mas antes a visita de uma pessoa viva e querida, para ele familiar, quase uma pessoa que se podia abraçar, beijar, uma pessoa com quem dialogar, a quem pedir desculpa, uma pessoa

que caminhava, que se deslocava a diversos locais: «Nossa Senhora de Fátima, de quem somos tão devotos e reconhecidos, também no sentido mais íntimo e pessoal, tu quiseste visitar-nos neste dia tão importante aqui em Roma. Como estamos gratos! Como estamos reconhecidos! Que grande graça nos fizeste com esta tua presença, direi pessoal... Estamos todos gratos, todos os romanos, sobretudo o Bispo de Roma. Estamos tão gratos por esta permanência da Imagem de Fátima aqui no nosso ambiente: primeiramente na capela Paulina do Vaticano, depois na minha capela privada, depois na praça de São Pedro durante a grande celebração [jubileu das famílias], por fim nesta Basílica. Agora, conclui-se nesta Basílica a visita da Senhora de Fátima que irá, para estar presente ainda em Roma, para a Catedral do Bispo de Roma, em São João de Latrão e depois também no santuário do Divino Amor. Desculpa-nos, ó Senhora, desculpa-nos ó Mãe de Jesus, se devemos encontrar-nos nesta Roma, em diversos lugares, em diversos locais. Devemos abrir, queremos abrir a graça da tua presença aos diversos ambientes desta grande cidade e diocese do Papa...Beijo os teus pés, porque quiseste dirigir os teus passos para nós. Seja-me permitido, ó Maria, Nossa Senhora de Fátima, dar na tua presença, ainda, uma Bênção a todos os presentes e a toda a Igreja de Roma» (Invocação de despedida da Imagem da Senhora de Fátima, Basílica Vaticana, domingo 25 de março de 1984).

O amor e o reconhecimento do Papa pela Senhora de Fátima tornaram-se evidentes em algumas expressões cheias de ternura que João Paulo II quis dirigir à Senhora em 1984 e em 1991: «Beijo os teus pés»; «Quiseste dirigir os teus passos para nós»; «Abraça com amor de Mãe e de Serva do Senhor, este nosso mundo humano»; «Minha Mãe, desde sempre e em particular naquele 13 de Maio de 1981 em que senti ao meu lado a tua presença de socorro»; «Maria abraça com a sua nova maternidade no Espírito, todos e cada um na Igreja»; «Amada Mãe»; «Pela segunda vez estou diante de ti neste santuário para beijar as tuas mãos».

Nas suas manifestações de piedade não havia lugar para o calculismo ou a diplomacia [...]. Sempre me tocou o profundo recolhimento com que Ele, em modo prolongado, rezava diante do Ícone da Virgem: parecia que estivesse em diálogo íntimo com Ela para Lhe confiar os destinos da Igreja e da Humanidade.



PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

José Ferreira Thedim (Escultor-Santeiro da Imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima)



José Ferreira Thedim (jovem de fato claro, em segundo plano).
Foto de grupo numa Visita Pastoral do bispo do Porto a S. Mamede do Coronado nos princípios dos anos 20 do século XX.

José Manuel Tedim | Professor Associado da Universidade Portucalense (Sobrinho-neto do mestre Thedim)

Se o século XVIII foi tempo de oficinas de escultura religiosa um pouco por toda esta cidade do Porto, teremos de esperar pelos finais do século seguinte, passados os tempos complexos que se viveram no Portugal saído da geração vintista, para voltarmos a sentir um importante movimento de renovação religiosa. A partir daí impuseram-se importantes oficinas de imaginária religiosa em madeira, de tipo standardizado, inspiradas no exemplo que chegava de França, nomeadamente das imagens produzidas no Bairro de S. Sulpício de Paris.

Foram centros desta arte escultórica as localidades do Porto, Braga, Lamego, Viana do Castelo e Vila Nova de Gaia. Durante a Primeira República, grande parte dessas oficinas fechou, mantendo-se algumas do Porto, Braga e, principalmente, das Antigas Terras da Maia, onde umas poucas famílias mantiveram essa tradição.

Foi nas freguesias de S. Mamede do Coronado, Santa Maria de Avioso e Silva Escura que tais oficinas nasceram e se mantiveram realizando pequenos trabalhos para as Casas/Oficina, com loja aberta para a rua, no Porto e em Braga.

Seria neste ambiente e neste contexto que, em 17 de setembro

de 1892 nasceu, em S. Mamede do Coronado, então concelho de Santo Tirso, hoje Trofa, José Ferreira Thedim, filho duma família, os Thedins, que nesta região se vinham afirmando na arte da escultura religiosa, desde finais do século XVIII, primeiras décadas do século XIX.

Desde muito cedo que estas pequenas oficinas, numa das quais o jovem mestre Thedim aprenderia a arte de esculpir, recebiam as encomendas religiosas feitas pelas tais Casas/Oficina, entre as quais a Casa Estrela, a Casa França do Porto e a Casa Fânzeres de Braga.

Para todas elas se esculpiam imagens de pequenas dimensões que alimentavam uma clientela muito específica e preparada para este novo gosto da imaginária, próximo dos valores da escultura que vigorou nas grandes Catedrais do Gótico Francês em renovação.

José Ferreira Thedim cresce para a arte da escultura em madeira na oficina pertença de seu pai, do mesmo nome, vindo, mais tarde, a ocupar o seu lugar como mestre continuador duma tradição cada vez mais enraizada nesta região maia. Ao longo da sua aprendizagem mestre Thedim sempre mostrou enormes dotes técnicos e criativos que sabia transpor para

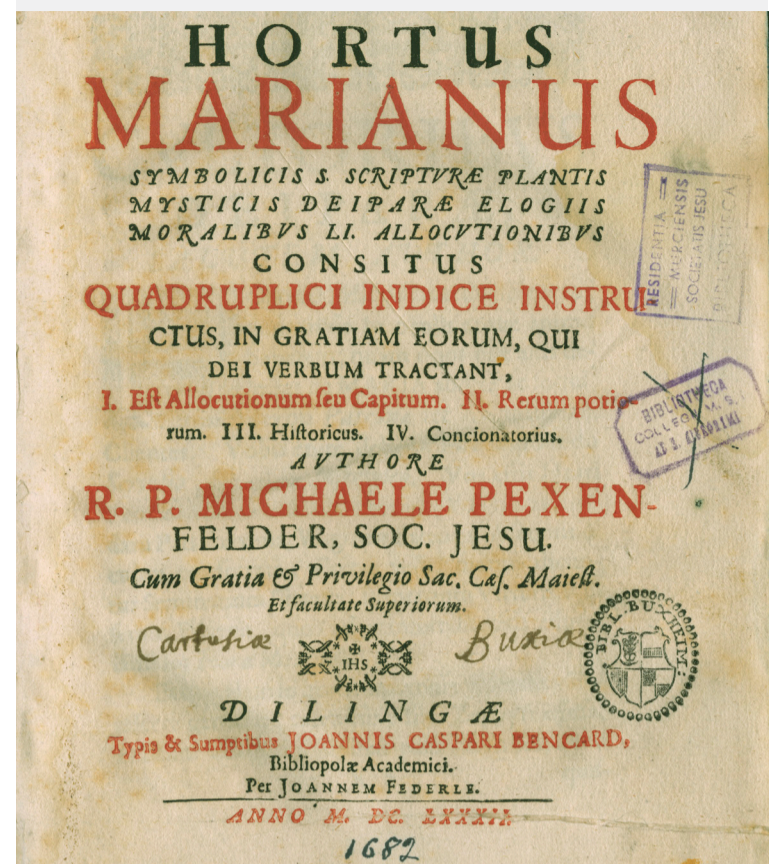
as obras que ia realizando, o que ajudou à sua afirmação como escultor/santeiro de excelência e com capacidades de grande artista.

Este facto, a par de ser o artista mais conceituado a colaborar com a Casa Fânzeres de Braga, favoreceu que a prestigiada Casa/Oficina Bracarense lhe entregasse a responsabilidade de executar uma imagem para ser colocada na Capelinha que assinalava o local das Aparições de Fátima, quando decorria o ano de 1919.

A partir daí, maio e junho de 1920, mestre Thedim nunca mais se desvinculará da escultura de Fátima. Vai estar ligado à criação da imagem Peregrina, bem como à da imagem do Imaculado Coração de Maria, cada uma executada em tempos oportunos e segundo encomendas muito específicas que determinaram a respetiva iconografia.

Enfim, fez crescer a sua oficina, criou uma escola em S. Mamede do Coronado e recebeu, ao longo da sua brilhante carreira como escultor de imagens religiosas, imensos prémios e condecorações, destacando-se aquela que lhe foi atribuída, em 1931, pelo Papa Pio XI e que lhe deu a dignidade de Comendador Pontifício pela Bula *Pro Ecclesiae Pontifice*.

A PEÇA DO MÊS



PEXENFELDER, Michael – *Hortus Marianus symbolicus s. scripturae plantis mysticis Deiparae Elogiis moralibus li. allocutionibus [...]*.
Dillingae: Typis et Sumptibus Joannis Caspari Bencard, 1682.

Hortus Marianus

Da autoria do jesuíta alemão Michael Pexenfelder, *Hortus Marianus* foi dado à estampa em 1682, na oficina de Joannis Caspari Bencard, na cidade alemã de Dillingen. O texto, escrito integralmente em latim, recorre à imagem do jardim – na tradição que associa a virgindade de Maria à imagem do *hortus conclusus* – para, partindo de diferentes plantas e árvores – o lírio, o cedro e o cipreste, entre outros –, refletir acerca de temas marianos, num total de 51 alocações.

A Biblioteca do Santuário de Fátima possui um exemplar da obra, que se apresenta em razoável estado de conservação. As marcas de posse indicam que terá integrado anteriormente pelo menos quatro bibliotecas, entre elas a da Cartuxa da cidade alemã de Buxheim e a da Residência da Sociedade de Jesus em Múrcia.

Serviço de Arquivo e Biblioteca
Departamento de Estudos

FÁTIMA AO PORMENOR

Os terços da Imagem de Nossa Senhora de Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Encontra-se entre as informações que o doador pede ao P. Manuel Nunes Formigão a preocupação com o terço que a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, já pronta em finais de abril de 1920, deveria apresentar. Para transmitir essa informação à Casa à qual encomendara a escultura, Gilberto Fernandes dos Santos (1818-1964) pergunta se a imagem deve ter um terço ou um rosário e as cores que deverão apresentar as contas e outros elementos deste principal atributo de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Nessa primeira hora, o terço foi colocado por entre o braço direito e o corpo da Imagem, com toda a certeza para ir ao encontro das descrições dos videntes que afirmaram ver as contas na mão direita da Mãe de Deus. Porém, desde muito cedo, o terço foi mudado para ser colocado sobre as duas mãos, primeiramente, dando uma volta com as contas a fim de encurtar a sua distensão na vertical e, depois, na formulação atual, aproximando a cruz do terço da estrela na parte inferior da veste.

Estão sobretudo documentados os terços que a Imagem portou a partir de 1973, um terço de pérolas engranzadas em cadeia de ouro com medalha e cruz de ouro (criado por António Moreira Nunes e oferecido por Virgínia Alves Campos, da Póvoa do Varzim) e o terço atual, de contas de ouro e de cristal de rocha engranzadas em cadeia de ouro com medalha e cruz, também de ouro (criado pela Casa Leitão & Irmão, Antigos Joalheiros da Coroa, em 2013, a partir do modelo do terço oficial do

Santuário de Fátima).

O terço atual é peça única, diferindo do terço oficial, criado em 2010 por ocasião da peregrinação do Papa Bento XVI a Fátima, porquanto no lugar dos topázios apresentar as ave-marias feitas de cristal de rocha, numa evocação da luz de Deus que irradiava dos mistérios do Rosário. Foi colocado na Imagem quando esta se viu chamada a Roma, pelo Papa Francisco, por ocasião da Jornada Mariana do Ano da Fé, em 13 de outubro de 2013.



OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

O caminho até à aldeia faz-se entre os solavancos que os amortecedores do jipe não conseguem disfarçar. São duas horas de caminho desde a missão do Chinguar, lá no alto do planalto central de Angola. São duas horas de caminho porque não estávamos na época das chuvas. Há lugares do mundo onde as distâncias se medem com a paciência de querer chegar. Quando finalmente chegamos, já metade da aldeia nos esperava em frente à capela cor de terra. Uma fogueira aquecia água para fazer o pirão que se haveria de repartir depois da

Um sino tosco e uma capela pequena demais

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

missa. A partilha do pão a convidar à partilha do pão (há de ser esta a multiplicação de que fala o Evangelho). A capela era feita de tijolos feitos ali mesmo, com a terra e o capim e o suor das suas gentes. Um telhado de zinco, uma cruz pintada em branco por cima da porta, a palavra “Jesus” esculpida na parede interior e uma mesa tosca de madeira a servir de altar completavam a arte sacra que ali nos convidava a rezar. Faltava só entrar o povo que viria a ser toda a estética daquela liturgia.

Perguntei ao padre a que horas começava a missa. Ele riu-se de mim a bom rir. Era óbvio que a missa começava quando estivessemos reunidos. Não se pode pôr a mesa da eucaristia sem a comunidade reunida. E não há tempo marcado para Deus, porque todo o tempo é de Deus. A Deus o que é de Deus. Por isso,

quando chegamos, o sacristão puxou de um bastão de ferro e começou a bater na grande jante da roda de um velho camião pendurada numa árvore em frente à capela. Aquele sino improvisado começou a dizer que a hora da festa tinha chegado e de todos os lados vi juntarem-se mulheres, crianças e homens que vinham Deus sabe de onde, como se nascessem da terra para aquele momento de ser igreja. Lembro-me de pensar que assim era. Nascemos para esta festa, convocados pelas badaladas abafadas de um sino improvisado. E ao som do sino que chama entramos naquela pequena capela feita de lama prontos para a alegria da festa de Deus. A alegria extravasava tanto quanto aquelas paredes não podiam conter a multidão.

No caminho de regresso à missão, depois de umas qua-

tro dezenas de batizados e três mãos cheias de casamentos, vinha o jipe cheio de pessoas (e galinhas e um cabrito que, da sua necessidade, o povo oferecera à missão) e eu pensava noutra pequena capela daquela terra, a da Senhora de Fátima no cimo do monte Tchimbango, a poucos quilómetros da missão. Que metáfora bonita da vida a que somos chamados.

“A capela pequena demais no cimo de um morro angolano chama à alegria de ser igreja.”

Do cimo daquele morro, a vista corta-nos a respiração, perdida num horizonte sem fim a toda a volta. Mas o peregrino sobe ao morro não para se perder no horizonte, mas porque o en-

controu e quer fazer a festa de Deus na pequena capela daquele Santuário de Fátima. A capela é pequena demais para que ali se junte a multidão que vem Deus sabe de onde, como se nascesse da terra para aquele momento de ser Igreja. Que as capelas da Senhora de Fátima se façam sempre pequenas é talvez sinal de que compreendemos a mensagem desta mulher que insiste em ser como o sino à entrada da capela cor de terra de uma aldeia perdida no planalto central de Angola. A capela pequena demais no cimo de um morro angolano chama à alegria de ser igreja. As ave-marias de quem sobe o monte são badaladas a convocar à festa. Que seja tosco o sino, que seja pequena a capela apenas confirma que a verdadeira festa habita esse horizonte de perder de vista que é o coração humano.



OPINIÃO

Laurinda Alves

Que alegria, meu Deus. Que emoção podermos voltar a celebrar em comunidade, podermos comungar, podermos entrar na casa do Pai. E da Mãe.

Este tempo, que ficará para a História como o “grande confinamento”, privou-nos de muita coisa, mas também nos ensinou muito.

Atravessámos uma quarentena global e continuamos a manter a distância física e social, mas nada disto nos impediu de nos fazermos próximos uns dos outros nem de sairmos de nós mesmos. Muito pelo contrário!

Os exemplos de entreatada, as iniciativas humanitárias, as ações de emergência para alimentar, apoiar, abrigar e cuidar dos mais vulneráveis sucederam-se. Os testemunhos interpeladores, transformadores e contagiantes multiplicaram-se em todas as latitudes.

Num tempo em que o mundo inteiro foi obrigado a recolher-se em casa e a abrandar, numa

Voltámos a casa!

Laurinda Alves é jornalista, escritora, tradutora e professora universitária de Comunicação, Liderança, e Ética

altura em que os frágeis, os isolados e os pobres ficaram ainda mais pobres, mais sozinhos e mais frágeis, poderíamos ter desanimado e baixado os braços, mas o que se viu foram incontáveis correntes do Bem.

Nunca como até aqui nos tínhamos dado conta do peso da palavra ‘apartamento’, mas foi este apartamento imposto, este afastamento imperativo, que nos obrigou a refletir e a sair de nós mesmos. Não ficámos fechados nem alheios. Demos passos e fomos ao encontro, mesmo sabendo que os nossos passos e as possibilidades de encontro eram escassos e virtuais. Virtuais, mas nem por isso menos reais e sentidos.

Sabemos que este tempo e todas estas vivências têm sido uma extraordinária lição para quem vive de coração aberto, mas também sabemos que tudo se pode conjugar de forma negativa. E se os exemplos do Bem se multiplicaram e nos inspiraram, as correntes do mal e as ações dos perversos também nos assustaram e fizeram refletir.

Haverá sempre quem se aproveite da miséria alheia para explorar, para maltratar ou até

para obter lucros. Sabemos isto, mas também passámos a estar mais alerta, mais atentos e mais disponíveis para denunciar.

Num tempo de confinamento e recolhimento, as vítimas

“Agora, que voltámos a poder ir à Missa, percebemos ainda melhor a falta que nos fazem os sacramentos da comunhão e da reconciliação, entre outros.”

ficaram mais desprotegidas e à mercê dos seus agressores e quem mora com o inimigo também ficou mais sozinho e exposto à violência doméstica, aos maus tratos físicos e psicológicos. Porque sabemos tudo isto ficámos mais conscientes e despertados para ajudar os que sofrem. Para sermos criativos nas maneiras como nos fazemos próximos.

Neste tempo de provação deixou de ser possível ficar indiferente e cada um é obrigado a refletir e a decidir de que lado

quer estar. Como quer viver a sua vida agora e no futuro.

Nós, crentes, ficámos privados de ir à Igreja, de participar em celebrações presenciais e de comungar, mas nada nem ninguém nos impediu de rezar, de assistir diariamente à Eucaristia

que o recinto de Fátima recebeu uma multidão ainda maior no 13 de Maio.

Agora, que voltámos a poder ir à Missa, percebemos ainda melhor a falta que nos fazem os sacramentos da comunhão e da reconciliação, entre outros.



e de comungar espiritualmente. Mais, esta provação levou-nos a encher as praças vazias, os templos desertos em celebrações maiores. Acredito que o Papa se sentiu rodeado de fiéis de todo o mundo quando celebrou a Páscoa e tenho a certeza de

Voltar a uma casa onde fomos felizes, onde temos raízes e memórias faz-nos sempre ficar comovidos. Também esta volta às Igrejas e templos nos enche de alegria. Fazia-nos muita falta poder estar na casa do Pai, com a Mãe.

“Voltaremos, sim, voltaremos!”: a promessa do cardeal D. António Marto, num 13 de maio marcado pela pandemia

Na peregrinação internacional, com o Recinto fechado, foram feitos apelos à solidariedade e à mudança de paradigma socioeconómico. Durante 24 horas, pela primeira vez na sua história, os peregrinos não puderam entrar no Santuário de Fátima. Mas as habituais celebrações foram transmitidas pela internet e pela televisão.

Carmo Rodeia

O bispo de Leiria-Fátima, D. António Marto, afirmou na Missa da peregrinação do 13 de maio que a pandemia provocada pela COVID-19 obriga a humanidade a repensar estilos de vida e modelos económicos e deixou uma mensagem de esperança no futuro: “Voltaremos, sim, voltaremos! É a nossa confiança e o nosso compromisso, hoje. Voltaremos juntos aqui, em ação de graças”, referiu, no final da homília, desde o altar do recinto de oração, na Cova da Iria, que acolheu este ano uma celebração inédita, sem a presença de peregrinos.

Pouco mais de meia centena de pessoas – bispos, capelães e funcionários do Santuário – asseguraram as celebrações da primeira grande peregrinação do ano, que evoca a aparição de 13 de maio de 1917.

O cardeal português, vice-presidente da Conferência Episcopal, destacou o impacto da pandemia da COVID-19: “É uma situação dramática e trágica, sem precedentes, que nos convida a refletirmos sobre a vida e, em primeiro lugar, a irmos ao essencial, que muitas vezes esquecemos quando a vida corre bem”, destacou numa celebração

com transmissão televisiva e nas plataformas digitais.

“Talvez estejamos todos a aprender como é uma peregrinação em estado puro, o peregrinar com o coração, a peregrinação interior no percurso mais íntimo da nossa vida”, acrescentou.

O bispo de Leiria-Fátima falou de um tempo de responsabilidade e solidariedade, diante das “terríveis consequências económicas, sociais e laborais” da COVID-19, deixando um “grito de alarme” perante “uma outra pandemia mais dolorosa, a da extensão da pobreza, da fome e da exclusão social, agravada pela cultura da indiferença e do individualismo”.

O responsável católico defendeu uma mudança de paradigma na sociedade atual, menos centrado no “poder técnico-científico, no poder económico-financeiro” ou no consumo, com novos hábitos e uma maior centralidade espiritual: “Não se pode viver só para produzir e para consumir, para ter e para aparecer”, apontou.

“Uma vida melhor na nossa casa comum, em paz com as criaturas, com os outros e com Deus, uma vida rica de sentido

requer conversão! Perguntemo-nos, pois, se temos tempo para Deus, se lhe damos o lugar que Ele merece no nosso coração e na nossa vida”, sublinhou ainda.

Numa manhã marcada pelo denso nevoeiro, a celebração contou com representantes dos médicos, enfermeiros, assistentes operacionais, bombeiros e instituições de solidariedade social de acolhimento aos idosos, como forma de “reconhecer e agradecer” o seu trabalho.

Os participantes rezaram por todos os que, “pelo mundo fora, enfrentam as consequências da atual pandemia”, por quem se dedica a aliviar os seus sofrimentos e por todos os peregrinos que acompanharam a celebração através dos meios de comunicação social.

Antes da Missa da Solenidade de Nossa Senhora de Fátima foi rezado o Rosário, na Capelinha das Aparições, depois de duas crianças terem entregue um ramo de flores, “ramallete espiritual”, oferecido pelo Apostolado Mundial de Fátima que foi colocado junto da imagem de Nossa Senhora, representando também os emigrantes e os peregrinos dos diversos continentes.

Papa associa-se a celebração do 13 de maio

O Papa Francisco assinalou a peregrinação do 13 de maio através de uma carta dirigida ao Santuário de Fátima, na qual evocou as vítimas da pandemia da COVID-19. “Peço-vos uma oração particular – enquanto vos asseguro a minha – pelas vítimas sem conta desta pandemia da COVID-19 e por todos os defuntos; a quantos se viram sozinhos na sua travessia para a eternidade, sei que a boa Mãe do Céu lhes fez companhia até Deus”, escreveu o Santo Padre, num texto que foi lido pelo cardeal D. António Marto.

“A Deus Ela confia todos e cada um de vós, através dos zeladores do Santuário de Fátima, que hoje nos personificam e representam a todos aos pés de Nossa Senhora, à semelhança do apóstolo João no Calvário”, prosseguiu o Sumo Pontífice.

“Sei, porém, que aí vos encontras igualmente, embora apenas de alma e coração. E a razão é simples! Um filho, uma filha não se pode ver longe da mãe e clama por ela; a confiança que lhe inspira é tal que basta a sua companhia para cessarem todos os medos e inquietações, abandonando-se a um sono tranquilo logo que se vê no regaço dela”, escreveu.

“Com estas minhas palavras, queria apenas tranquilizar-vos a respeito da companhia que vos faz a nossa Mãe do Céu. Hoje conseguimos, através apenas da alma e do coração, fazer a ligação à Virgem Maria; e somos limitados! Tão limitados, tão pequeninos que um inesperado vírus pôde facilmente transtornar tudo e todos...”

O Papa apresentou Maria como exemplo de fé e de confiança em Deus: “Hoje, gloriosa em corpo e alma, toda Ela é um coração materno ocupado e preocupado em restabelecer a sua ligação connosco e a nossa ligação com Deus”, acrescentou. “Que o bom Deus vos abençoe e Nossa Senhora de Fátima vos guarde e proteja”, concluiu Francisco. Também a partir de Roma, na audiência geral, no mesmo dia, o Papa reforçou os apelos à paz, à conversão e ao combate à pandemia.

“Gostaria de aproximar-me, com o coração, à Diocese de Leiria-Fátima, ao Santuário de Nossa Senhora, hoje: saúdo os peregrinos que ali rezam, saúdo o cardeal-bispo, saúdo todos, todos unidos a Nossa Senhora, que nos acompanha neste caminho de conversão diária a Jesus. Que Deus vos abençoe”, disse, durante a audiência-geral que decorreu na biblioteca do Palácio Apostólico, à porta fechada, com transmissão on-line.



Peregrinar com o coração

Secretariado Nacional do MMF convida os mensageiros a peregrinarem espiritualmente com o coração à Cova da Iria.

Secretariado Nacional do MMF



Certamente já sabeis que devido à situação que estamos a viver, a Peregrinação Nacional do Movimento da Mensagem de Fátima, que estava marcada para os dias 18 e 19 de julho, foi cancelada. Entretanto, o Secretariado Nacional do Movimento convida os mensageiros a peregrinarem ao Santuário de Fátima espiritualmente com o coração. Para este efeito, estamos a preparar uma novena que deve ser iniciada a 10 de julho e termina no fim de semana em que estava marcada a nossa peregrinação. Pedimos a todos os mensageiros que se unam ao Santuário de Fátima, através dos meios de comunicação, nesse fim de semana. Vamos enviar aos Secretariados Diocesanos as meditações para a novena e as indicações para que todas as paróquias e todos os mensageiros possam ter o material necessário para estarmos todos unidos em oração e

em peregrinação com o coração.

É já tradição, na peregrinação anual, oferecermos a Nossa Senhora uma prenda de terços rezados, vivências dos cinco primeiros sábados e adorações eucarísticas. Este ano não vamos deixar Nossa Senhora sem prenda!

Até ao dia 30 de junho, podeis enviar esse registo para:

Movimento da Mensagem de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
2495-424 FÁTIMA

secretariadonacional@mmfatima.pt

Pedimos aos mensageiros das 20 dioceses, inclusive dos Açores e da Madeira, a vossa colaboração. Somos uma família e, em família, vamos rezar em reparação dos pecados que se cometem e para que os mais afastados de Deus regressem ao caminho da salvação.

Este ano vamos também pedir a Nossa Senhora que nos liberte da epidemia.

Sector Juvenil do MMF de Portalegre-Castelo Branco

Rúben José

Movimento da Mensagem de Fátima

Sector Juvenil

Portalegre – Castelo Branco



O Sector Juvenil do Movimento da Mensagem de Fátima de Portalegre-Castelo Branco tem programado anualmente diversas atividades junto dos jovens mensageiros.

Efetivamente, neste ano pastoral de 2019-2020, o grupo começou por se reunir na comunidade da Sertã. Em setembro, cerca de 30 jovens conviveram e partilharam entre si a importância de viverem próximos de Jesus e de Maria, como os Pastorinhos de Fátima. Em jeito simples e em comunhão uns com os outros, os jovens refletiram sobre a importância da oração na vida de cada um e a forma como ela se realiza: individualmente e em comunidade.

Já no decurso do mês de dezembro decorreu a Descoberta 1, subordinada ao tema Quem sou eu?, que teve lugar na comunidade de Alcains e no Salgueiro do Campo. Nesse encontro conjunto com o Setor Juvenil de Lisboa, cerca de

20 jovens meditaram sobre a importância de conhecerem a Deus e de tentarem interpretar os seus sinais nas suas vidas. Durante a atividade foram realizadas partilhas muito profundas sobre a personalidade de cada um e acerca do modo como se estabelecia uma relação com Jesus nas pequenas atitudes da vida. No contexto da atividade, os jovens reforçaram os laços de amizade e edificaram uma vivência mais forte na fé, seguindo o exemplo de Maria, com o seu Sim à vontade de Deus.

Entre os meses de janeiro e março, os jovens mensageiros reuniram-se nos seus grupos paroquiais e procuraram envolver-se nas atividades das comunidades a que pertencem. Foi também um tempo de aprofundar o conhecimento sobre a pequenita Jacinta, no contexto do centenário da sua partida para a Casa do Pai. Para além disso, no decurso das reuniões mensais, os jovens foram

convidados a refletir sobre as dinâmicas propostas pelo Secretariado Nacional e a rezar sempre com Maria e com os Pastorinhos.

No contexto atual de pandemia, embora tenham sido adiadas por tempo indeterminado as atividades presenciais, os jovens mensageiros da diocese de Portalegre-Castelo Branco reforçaram a sua presença nas redes sociais, com a partilha de orações e reflexões. Refira-se, ainda, que os jovens já participaram numa vigília de oração digital, organizada pela Pastoral Juvenil da diocese, que integrou o contributo dos diversos grupos e movimentos diocesanos. Foi um momento de comunicação, amizade e oração, no qual o Sector Juvenil diocesano do MMF se pôde integrar com emoção e comunhão.

As próximas atividades e reuniões realizar-se-ão on-line, mas com a confiança de que Maria nos permitirá voltarmos a abraçar-nos o mais brevemente possível.

O Deus de Fátima: “Abba, Paizinho”

Pe. Dário Pedroso

O Deus que se deu a conhecer em Fátima, através do Anjo, em 1916, e de Nossa Senhora, em 1917, foi o Deus-Pai, o Deus Amor que enviou o Filho ao mundo não para condenar o mundo mas para o salvar, o Abba-Paizinho, que cuida mais de nós do que dos lírios do campo ou das aves do céu, o Pai que diz a cada um de nós ‘és o meu filho, a minha filha, muito amado/a em quem ponho todo o meu amor’. Aquele Pai que S. Paulo diz “nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo”.

Anda por aí uma profusão de “deuses”: deus-polícia, deus-juiz, que nos olha e passa a multa e se prepara para nos condenar; deus-comerciante com quem muitos, oferecendo missas ou orações, querem fazer negócio para adquirir graças; deus-bonzão, a quem podemos ofender à vontade que ele, no fim, perdoa tudo... Sem contar com tantos outros “deuses” como o dinheiro, a vaidade, o eu orgulhoso e megalómano,

o álcool, a droga, o prazer fútil, a luxúria desenfreada, o pecado sem medida e sem contrição, o desinteresse pelos outros, a falta de amor que nos fecha em nós mesmos, os apegos desordenados a nós mesmos e às coisas, etc. Mas Fátima, como clamor de fé e de misericórdia, de oração e penitência, de desejo de salvação para que não nos condenemos, de pedido para rezarmos pelos outros, para repararmos os pecados, pois Jesus está muito ofendido, apresenta sempre um Deus-Amor que só quer o nosso bem, a nossa felicidade, a nossa salvação.

Foi assim em Nazaré quando o Arcanjo Gabriel veio do Céu e saudou a jovem Maria, lhe propôs a sua colaboração no mistério da redenção, e ela aceitou ser Mãe de Deus. A Santíssima Trindade, no seu amor trinitário, decidiu a Encarnação; Maria foi convidada e disse sim. É sempre Deus-Amor que vem até nós, que toma a iniciativa do diálogo, da salva-

ção, da redenção, dos caminhos de santidade, porque é Pai e nos ama. Teria sido o mesmo Arcanjo que apareceu aos pastorinhos, lhes ensinou a adorar a Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a louvar Jesus Eucaristia, a pedir oração e penitência, a conversão dos pecadores, a reparação, pois o Deus que o enviou, quer salvar e não condenar, quer reconciliação, pois é misericórdia infinita?

E a Virgem Maria, a Senhora da Azinheira, veio do Céu, disse que era do Céu, dessa mansão do amor, seio do amor trinitário, para nos convidar ao amor reparador, à santidade de vida, a rezarmos para que não haja quem se condene, a não ofendermos o seu Filho que já está muito ofendido. Se a Senhora faz estes convites, se mostra às crianças o Inferno, se pede a devoção ao seu Imaculado Coração, é porque transmite os desejos do Pai, do Abba-Paizinho, que continua a querer a paz, a liberdade, a santidade, o amor, uma

vida feliz, uma eternidade, onde a festa não terá fim, para todos os seus filhos e filhas.

Sabemos como os tempos na época das aparições do Anjo e da Senhora eram difíceis por causa da Primeira Guerra Mundial, da fome, da epidemia da pneumónica, da vida cristã difícil, devido de um anticlericalismo que parecia ódio à Igreja, aos bispos e padres, com a expulsão, anos antes, e a prisão de muitos, com um Portugal devastado por tantas ideias erróneas, semeado de ódio e de doença, de sofrimento e de morte. Os pastorinhos foram exímios a ouvirem os pedidos do Céu e a amarem a Igreja e a humanidade. Jacinta com amor aos pecadores, sofrendo e rezando pela sua conversão, com o amor ao Papa, oferecendo sacrifícios por ele, com desejos de santidade que lhe arrebatavam o coração; Francisco com o seu amor ao Amigo Jesus no sacrário, com as horas de adoração, para consolar o nosso Deus,

com paixão ardente para crescer na intimidade e no amor a Jesus e a Maria; Lúcia com a certeza de que não morreria, como eles, tão depressa, pois Deus a escolhera para uma missão extraordinária que era dar a conhecer e propagar a devoção e a reparação ao Coração Imaculado de Maria, nosso refúgio, e cujo amor será o vencedor de todas as lutas e batalhas, como nos ensinou tão bem, com tanta sabedoria, o Papa Bento XVI. Tudo obra do amor do nosso Deus, que é Pai e que nos ama, com amor louco e apaixonado. Aceitemos este amor e estes convites. Preocupemo-nos mais em corresponder com fidelidade ao amor do Paizinho. Saibamos imitar São Francisco e Santa Jacinta. Coragem, Deus não nos faltará nunca. Ele é sempre Deus-Amor que tem sede de nós, do nosso amor, que nos deseja mais santos, mais libertos, a amarmo-Lo sempre mais e à humanidade, para “que todos se convertam”.

Saibamos dar também o nosso sim! Fé e oração deslumbrantes

Cátia Inês



O sector infantil do Movimento da Mensagem de Fátima na diocese de Portalegre-Castelo Branco tem vindo a crescer em dons e graças, como um jardim de flores que embelezam a vida e dão cor ao essencial. Em cada criança há um olhar de esperança, de expectativa, de desejo em aprender e viver, que contagia. A criança que passa pela escola do Anjo e pela escola de Maria desperta para o transcendente, brotando em seu coração o desejo e a vontade de conhecer intimamente a Jesus Escondido, com(o) Maria, a figura materna que oferece o seu Colo de Mãe e a leva pela mão até Ele. É nestas vivências que a crian-

ça descobre que Deus É, e a ama muito, ao ponto de dar a Sua vida por ela.

Enquanto mensageiros de Nossa Senhora de Fátima, é nossa missão levar a criança a conhecer Jesus e Maria, Sua e nossa Mãe. No entanto somos surpreendidos e arrebatados ao percebermos que é a criança que nos ensina como amá-los e conhecê-los. A forma como cada criança ama Jesus Escondido faz-nos pensar e desejar ser como elas. Ver Jesus como o verdadeiro amigo e ter a coragem de entregar a vida, sem reservas, ensina-nos que ainda temos um longo caminho a percorrer. É a criança que nos ensina o que é

de facto essencial. Então, afinal, quem ensina quem?

Em 1917, na Cova da Iria, Nossa Senhora propôs uma missão muito importante a três crianças: Quereis oferecer-vos a Deus?, como quem pergunta: Quereis doar as vossas vidas como os discípulos de Jesus dando testemunho Dele? Elas responderam que sim. Hoje, Jesus e Maria continuam a chamar-nos. Como respondemos nós?

Se verdadeiramente quisermos conhecer este Deus que é amor e se faz presente nos mais pequenos para nos ensinar que o mais importante está na simplicidade e o mais belo no essencial, saibamos dar também o nosso sim!

Diácono Francisco Alves

Perante o tempo que nos envolve, semelhante ao que se viveu na histórica morte dos pastorinhos Francisco e Jacinta Marto, sacudidos pelo sinal misterioso do coronavírus, e na impossibilidade de realizarmos o nosso Dia de Deserto, no passado dia 28 de março, como estava programado para esta diocese de Portalegre-Castelo Branco, senti-me impedido, na qualidade de Assistente Espiritual do Movimento, a falar com cada um dos Grupos de Ação Paroquial e com os Reparadores do Imaculado Coração de Maria desta diocese.

Fiquei sensibilizado e feliz com os testemunhos de fé e oração deslumbrantes que me foram revelados, à mistura com tribulações de várias partes da diocese. O mesmo senti em comunicação que efetuei a propósito da Peregrinação Espiritual de 13 de maio.

Toda esta diocese seguiu e continua a seguir as celebrações no Santuário de Fátima, através da internet-facebook-youtube, da TV Canção Nova e da Rádio Renascença, sobretudo a oração do Santo Rosário, a celebração e a vivência da Santa Missa e na Adoração ao Santíssimo Sacramento.

A Mensagem de Fátima está assim a ser sentida e vivida como o facho de luz fulgurante vindo do Céu, semelhante a um relâmpago numa trovoadá abençoada, com os seus riscos e perigos naturais, mas que fertiliza tudo por onde se derramam as suas águas da Mensagem vinda do Céu, prece-



didadas das nuvens do sofrimento redentor, aceite e oferecido, mas também da luz sobrenatural que dissipa o medo e nos faz compreender a missão que é dada a cada um de nós, Mensageiros de Nossa Senhora do Rosário de Fátima: “tu ficas cá, mais algum tempo, porque Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar”. “Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração”.

É para esta missão que à pastorinha Lúcia e a cada um de nós, mensageiros de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, nos é revelado o significado de estar na luz que se aspergia sobre o mundo, em 13 de junho de 1917 na Cova da Iria, vendo à frente da mão direita de Nossa Senhora o Coração Imaculado de Maria, cercado e cravado de espinhos, a pedir-nos reparação.

Amigos mensageiros, escutemos a Senhora da Mensagem

Pe. Manuel Antunes

Na sequência da nossa reflexão publicada no jornal Voz da Fátima, do mês de maio, vamos continuar a escutar Nossa Senhora na Sua mensagem em Fátima.

O cardeal D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, disse que as aparições do Anjo da Paz, em Fátima, na Loca do Cabeço, em 1916, são o alicerce da Mensagem, e que a abóbada da mensagem foi a aparição da Santíssima Trindade na Capela das Irmãs Doroteias, em Tuy – Espanha, à Irmã Lúcia, às 24 horas do dia 13 de junho de 1929, quando estava a rezar a oração do anjo da Paz. Ao lado da Santíssima Trindade, leu estas duas palavras: Graça e Misericórdia.

Disse D. António Marto: “Graça e Misericórdia é a síntese do Amor misericordioso. É esta, portanto, a síntese da mensagem de Fátima e da revelação do Deus compassivo que, no Seu amor trinitário, se incli-

na sobre todos os sofrimentos humanos, sobre a humanidade, para lhe fazer sentir toda a Sua ternura, para Se manifestar como Pai amoroso de toda a criatura”. (Da sua Carta Fátima e Modernidade, profecia e escatologia).

Hoje vamos refletir sobre a devoção ao Coração Imaculado de Maria

O Coração de Nossa Senhora é modelo de escuta e acolhimento da Palavra de Deus. Disse S. João Paulo II: “O Coração Imaculado de Maria, aberto pelas palavras ‘mulher, eis o teu filho’, encontra-se espiritualmente com o coração do seu filho trespassado pela lança do soldado. O Coração de Maria foi aberto pelo mesmo Amor para com o homem e para com o mundo”.

Nossa Senhora, consciente da sua missão maternal, no dia 13 de junho de 1917, aparece a segunda vez aos Pastorinhos.

A Lúcia diz a Nossa Senhora: Queria pedir-Lhe se nos levava para o Céu! – Nossa Senhora respondeu: Ao Francisco e à Jacinta levo-os muito em breve, mas tu vais ficar mais algum tempo porque Jesus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração. Continuou a Lúcia: Vou ficar cá sozinha? – Não, filha, o meu Coração será o teu refúgio e um caminho para Deus.

Nossa Senhora foi muito explícita e prudente: o Meu Coração não é a meta; é o caminho para a meta que é Deus.

O Porquê de este querer de Jesus

Certamente, há várias interpretações de este querer. A

Bíblia fala-nos de cerca de 870 mensagens sobre o coração. Eis algumas:

Diz-nos Jesus:

– A boca fala da abundância do coração (Mt 12,34).

– Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente (Mt 22,37).

– Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração (Mt 11,29).

Jesus, sem deixar de ser Deus, quis assumir uma natureza humana, igual a nós, exceto no pecado. Foi concebido não como nós mas por uma graça especialíssima do Espírito Santo, tendo como Mãe a Virgem Imaculada, Maria de Nazaré. Desde o Seu nascimento até à morte no Calvário, fez uma experiência filial com sua Mãe, e esta, uma experiência maternal com o seu filho, Jesus. Ninguém como Jesus pode falar desta experiência.

O Papa Francisco diz que Nos-

sa Senhora é uma Mãe que nos leva a Cristo. Em Fátima acentuou: Temos Mãe! Temos Mãe!

Nos tempos que correm, parece haver mais preocupação com a cultura da inteligência, esquecendo a cultura do coração. São dois dons importantes e necessários que devem ser formados simultaneamente. Como pode haver paz nas famílias ou nas nações com os corações em guerra? A paz não é uma palavra, mas uma vida! A mensagem em Fátima começou com a palavra ‘paz’. Disse o Anjo da Paz! E Nossa Senhora: Não tenhais medo, rezai o terço pela Paz.

Aceitemos e agradeçamos a Jesus o ter-nos oferecido o Coração de sua e nossa Mãe como ajuda e caminho para a paz.

Esperamos no próximo número da Voz da Fátima continuar a refletir no Coração Imaculado de Maria, ao falarmos nos cinco primeiros sábados.

“Vestida de Branco” reabre à visita dos peregrinos

Exposição temporária sobre a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima reúne as mais belas imagens da Virgem Maria.

Cátia Filipe

Após o período de confinamento devido à pandemia da COVID-19, a exposição temporária do Santuário – “Vestida de Branco”, mostra que reúne as mais belas imagens da Virgem Maria, numa reflexão sobre a relação entre a arte e a devoção -, reabriu ao público, no Convívium de Santo Agostinho, no piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade, e pode ser visitada de terça-feira a domingo, até 15 de outubro, entre as 9h00 e as 12h45 e as 14h00 e as 17h45.

Para esta reabertura, o Santuário de Fátima definiu estritas medidas de prevenção do contágio da COVID-19, com indicações e recomendações relativas à higienização dos espaços, higiene pessoal, etiqueta respiratória, distanciamento físico, monitorização dos sintomas e proteção individual, junto dos seus colaboradores e nos diversos espaços informativos à disposição dos peregrinos.

O título da nova exposição provém da descrição de Nossa Senhora feita por Lúcia de Jesus ao padre Manuel Nunes Formigão e ao padre Manuel Marques dos Santos, a 8 de julho de 1924, na qual a vidente, à pergunta sobre “como estava vestida a Senhora”, responde que “estava vestida de branco”. É a partir deste interrogatório e da ideia de ícone à escala mundial em que a primeira escultura de nossa Senhora de Fátima se tornou que abre o preâmbulo



da exposição e do qual derivam os restantes sete núcleos que a compõem.

No primeiro núcleo, oito esculturas de Nossa Senhora, esculpidas em Portugal e datadas entre o século XVI e a atualidade, apresentam uma síntese da figuração da Virgem Maria durante aquele período.

Segue-se uma narrativa da imagem da Mãe de Deus, através da representação, em obras de arte, dos espaços e lugares mais marcantes da Sua vida, desde o seu nascimento à sua morte e Glória, no Céu, assumindo-se como centro de leitura a Cruz de Cristo.

A plasticidade da atualidade

assume o foco no terceiro núcleo, onde importantes artistas portugueses contemporâneos foram desafiados a interpretar, a partir da sua estética pessoal, os símbolos da Virgem Mãe.

“As formas e as cores de novas iconografias” do quarto núcleo evidenciam a inovação estética com que Maria foi olhada ao longo dos tempos, através de representações escultóricas de Nossa Senhora de artistas como Clara Menêres e António Manuel Soares dos Reis.

A exposição centra-se na imagem de Nossa Senhora do Rosário de Fátima a partir do quinto núcleo, onde é apresentado um per-

curso que vai desde a sua criação iconográfica, passando pela encomenda e fixação do modelo, a sua propagação pelo mundo e sua interpretação pelos artistas plásticos. Neste espaço, é apresentada a primeira pagela que circulou entre a multidão da Cova da Iria, a 13 de outubro de 1917, onde a Aparição é representada através de uma foto da Imagem de Nossa Senhora da Conceição, da Sé de Leiria, que também se encontra ali exposta.

É no quinto núcleo que se encontra uma redoma de vidro onde está representada, em tamanho real, uma foto com a imagem de Nossa Senhora de Fátima que se venera na Capelinha das Apari-

ções. É neste espaço que, na tarde de 13 de junho de 2020, data em que se assinala a chegada da Imagem ao Santuário, os visitantes terão a oportunidade de admirar, de perto, a escultura que é um dos mais importantes ícones marianos atuais do Catolicismo.

O penúltimo núcleo apresenta, através de diferentes representações da Virgem Maria, a imagem de Nossa Senhora de Fátima como paradigma da discussão acerca do diálogo entre a arte antiga e a arte contemporânea.

Na conclusão, são revelados os mitos, os desafios e a herança da Imagem. Neste ponto, são mostrados os cuidados de conservação da escultura e demonstrado que o vigor da escultura criada em 1920 reside, sobretudo, na eficácia de fazer acontecer imagens que interessam ao mundo, entre as quais a imagem nupcial, da realeza, da proteção materna e da paz.

Na penúltima instalação da exposição, em frente a uma maquete da escultura de Nossa Senhora dos Pastores, o visitante é convidado a experimentar sensorialmente a afirmação que o Papa Francisco proferiu na homilia na Cova da Iria a 13 de maio de 2017 de que Fátima é um “manto de Luz”, através da projeção da face no manto da maquete.

A exposição, de entrada livre, já foi visitada por mais de 56 mil pessoas. A entrada é livre.

5.ª edição dos Cursos de Verão decorre em julho

“Fátima e a Arte: o Santuário, a Iconografia, a Cidade e a Museologia” é o tema do encontro, que acontece entre os dias 8 e 10.

Cátia Filipe

O Santuário de Fátima vai promover de 8 a 10 de julho a 5.ª edição dos Cursos de Verão, este ano com o tema “Fátima e a Arte: o Santuário, a Iconografia, a Cidade e a Museologia”, que será aprofundado por Marco Daniel Duarte, diretor do Departamento de Estudos (DE) e do Museu do Santuário de Fátima.

Nesta edição de 2020, vai ser trabalhado o tema da arte em Fátima, “procurando analisar as construções físicas que, através das diferentes estéticas, materializam o Santuário de Fátima e ainda toda a iconografia que em Fátima e de Fátima nasce e se difunde por todo o mundo”.

“A inserção e ligação do Santuário de Fátima à malha urbana de uma cidade que nasce a partir de 1917 e, bem assim, as formas que a Museologia encontrou para abordar a temática de Fátima são especial objeto de análise a que

se juntam os objetos religiosos típicos do lugar e que reclamam dos investigadores análise atenta e descomprometida em ordem à sua apreciação enquanto artefactos culturais”, lê-se na sinopse da iniciativa.

Segundo Marco Daniel Duarte, o DE pretende, com este curso, dar resposta a “muitas solicitações que nos chegaram de que esta temática mereceria ser tratada num curso de verão”.

O padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima, e Marco Daniel Duarte, coordenador dos Cursos de Verão do Santuário de Fátima, darão início aos trabalhos no dia 8 de julho. Para este dia os formandos poderão refletir sobre “A arquitetura como arte primeira: da construção à sacralização de uma capela”, “Fátima, lugar de novidade artística I: a criação e a difusão da imagem de Nossa Senhora de Fátima”, “Fáti-

ma, lugar de novidade artística II: a criação e a difusão da imagem do Anjo de Fátima”, “Fátima, lugar de novidade artística III: a criação e a difusão da imagem dos Pastores Videntes”. O dia finda com uma visita ao presbitério do recinto de oração.

No segundo dia desta 5.ª edição dos Cursos de Verão serão abordados “A construção artística do Santuário de Fátima I: a estética de Oitocentos (a Basílica de Nossa Senhora do Rosário)”, “A construção artística do Santuário de Fátima II: a estética de Novecentos (o recinto, as colonatas e as construções modernas)”, “A construção artística do Santuário de Fátima III: a estética do século XXI (a Basílica da Santíssima Trindade e o presbitério do recinto de oração)”, “Lugares artísticos fora do Santuário de Fátima: conventos, mosteiros e casas religiosas (arte privada, arte pública e urba-

nismo)”. A visita de estudo à exposição temporária será o último momento previsto para este dia.

Sexta-feira, dia 10 de julho, será o terceiro e último dia de formação e irá proporcionar a reflexão sobre “Fátima e os objetos religiosos: incompatibilidade artística? Para uma história das “lembranças de Fátima”, “O Museu do Santuário de Fátima I: as exposições permanentes”, “O Museu do Santuário de Fátima II: as exposições temporárias”, “Núcleos museológicos sobre Fátima fora do Santuário da Cova da Iria”.

Marco Daniel Duarte é diretor do Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, onde dirige o Arquivo e a Biblioteca, e do Museu do Santuário de Fátima. É ainda diretor do Departamento do Património Cultural da Diocese de Leiria-Fátima.

Doutorado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Uni-

versidade de Coimbra, tem desenvolvido a sua investigação no âmbito dos estudos da Iconografia e da Iconologia, e, bem assim, no âmbito de diferentes temáticas relacionadas com o pensamento humano no contexto da História de Fátima.

A dimensão formativa constitui uma das centrais preocupações do Santuário de Fátima, assumindo lugar relevante nas propostas que apresenta aos seus peregrinos.

Este curso será presencial e respeita estritas medidas de prevenção do contágio da COVID-19, com indicações e recomendações relativas à higienização dos espaços, higiene pessoal, etiqueta respiratória e distanciamento físico.

A frequência do curso está limitada a 50 participantes tem o custo de 10 euros. A inscrição pode ser feita através do link <https://tinyurl.com/ybar67gj>.



A escultura de Nossa Senhora de Fátima e os papas: uma relação umbilical

Nenhum papa desde Pio XII é indiferente à escultura que se venera há cem anos na Capelinha das Aparições. Nessa relação há aspetos pessoais, mas também políticos e sacramentais.

Carmo Rodeia

Seja para os peregrinos seja para os papas a escultura de olhar terno, doce e maternal, que se venera na Capelinha das Aparições, e que foi esculpida por um santeiro, fora da academia, a partir das descrições que constavam no primeiro interrogatório dos pastorinhos, é “o maior tesouro que o Santuário guarda”.

A ideia é defendida por Marco Daniel Duarte, Diretor do Museu do Santuário e um dos estudiosos deste ícone mariano, porventura o ícone religioso português mais simbólico e reconhecido em todo o mundo cristão: “Trata-se do maior símbolo mariano do período entre o século XX e o século XXI e isso advém-lhe da coexistência de vários fatores quer a nível artístico quer da sua força religiosa, que lhe atribui um valor sacramental”, afiança o responsável sublinhando a relação íntima entre este elemento de Fátima e os papas, sobretudo a partir de Pio XII.

Embora este sucessor de Pedro nunca tenha estado em Fátima, a verdade é que foi o precursor de uma relação íntima das figuras “do bispo vestido de branco” com a escultura representativa “da Senhora mais brilhante que o Sol”. Dela terá dito, segundo as fontes históricas, que era “taumaturga”, isto é, teria um papel mediador entre o Céu e a Terra como se transmitisse as bênçãos do Céu.

Desde o primeiro momento em que chegou à Cova da Iria, faz este mês cem anos, esta escultura converteu-se no centro das orações neste espaço, assumindo o papel de relíquia entre as relíquias. E mantém com todos os papas, tal como com todos os peregrinos, uma relação muito estreita.

“Esta escultura está coroada das alegrias e das dores da Humanidade” afirmou Bento XVI, o papa germânico que, do alto da sua racionalidade, não deixou margens para dúvidas acerca do que o unia a esta imagem.

Esculpida por José Ferreira Thedim, em 1920, cedo se tornou



O papa peregrino foi o que mais ligado se mostrou a esta imagem, a quem ofereceu os seus objetos mais pessoais como um terço e o anel do seu pontificado

o centro da atenção na Cova da Iria. Mas haveria de ganhar uma força ainda maior a partir de 1946 quando foi coroada, já terminada a guerra. Pio XII, que liderava a Igreja, enviou um legado papal ao Santuário de Fátima para coroar solenemente a escultura.

“Vós coroi-la Rainha da paz e do mundo, para que o ajude a encontrar a paz e a ressurgir das suas ruínas. E assim aquela coroa, símbolo do amor e gratidão e da vassalagem no presente, torna-se ainda para o futuro, coroa de lealdade e de esperança”, noticiava o jornal Voz da Fátima, em junho de 1946.

A coroa viria quase a tornar-se, ela própria, um objeto de

veneração depois do atentado contra João Paulo II em 1981. Precisamente um ano depois, a 13 de maio de 1982, o Papa João Paulo II esteve pela primeira vez no Santuário de Fátima para agradecer a proteção de Nossa Senhora naquele dia. Passados uns anos, quando o próprio Papa João Paulo II pediu que a escultura da Virgem de Fátima vá ao Vaticano, ele oferece um dos projéteis que o atingiu naquele atentado. O Papa João Paulo II, com este gesto, diz claramente que conseguiu salvar-se daquele atentado graças a uma mão materna que desviou a trajetória da bala. Este olhar da fé, que o Papa João Paulo II tem de uma forma muito segura, é entendi-

do por toda a cristandade, por todos os católicos do mundo, como uma ligação estreita, umbilical, entre a mensagem de Fátima e o próprio Vaticano.

“É comovente analisar esta escultura do ponto de vista eclesial e político. Há expressões dos papas que são comovedoras”, considera Marco Daniel Duarte.

“Quando o Papa Bento XVI, que nos habituamos a ver como o grande racionalista da Igreja no Século XXI, recebe a escultura em Roma e no final de uma brevíssima oração vai para beijar a imagem e não consegue, porque a batina fica entalada no andor, agarra a escultura pela nuvem confirmando a importância da sensorialidade que esta imagem desperta”, avança Marco Daniel Duarte.

“Vermos o Papa Francisco tocar nas imagens não nos surpreende, porque ele vem de uma realidade onde o toque e o tato são importantes; num germânico isso é menos plausível”, esclarece ainda destacando a relação de João Paulo II com esta imagem: “Diante dela ele transfigura-se; quando a recebe em Roma acende uma vela e procede como se estivesse em Fátima dizendo-lhe ‘vieste visitar-me’ e quando um ano depois vem à Cova da Iria, lembra que veio ‘devolver’ a visita. Não estamos apenas diante de uma imagem; esta imagem é a mediadora entre a Terra e o Céu”, conclui.

É aos pés da escultura que os sucessores de Pedro deixam os seus pertences mais valiosos, desde logo a Rosa de Ouro, e também os objetos mais íntimos como o terço ou o anel deixados por João Paulo II.

Os papas, diante desta imagem, procedem “como os peregrinos”. João Paulo II cujo centenário do nascimento acabamos de celebrar, coincidindo com o centenário da criação desta escultura, foi o expoente máximo desta relação filial a que a imagem convoca cada peregrino. E ele comprovou que os papas não são exceção.

OPINIÃO

O mundo Em Fátima

Pe. José Nuno Silva
A paz e a liberdade religiosa



O período crítico que o mundo está a atravessar tem suscitado em várias nações do Ocidente uma questão sensível. A Igreja católica, como as grandes Igrejas protestantes, e o Islão e o Judaísmo, nomeadamente, aderiram responsavelmente às restrições que a obrigação de confinamento, por razões de saúde pública, impôs. Sintonizados com as sociedades abertas e plurais em que se integram e respeitadores dos dados das ciências, os cristãos, tal como os judeus, não se reuniram para celebrar a Páscoa, nem os muçulmanos, o Ramadão.

Contudo, o início dos processos de desconfinamento tem suscitado intervenções dos bispos em vários Estados europeus, onde os governos remeteram para a última etapa do levantamento das restrições a possibilidade de os crentes se reunirem para celebrar a sua fé, depois de muitas outras dimensões de prioridade questionável.

É significativo o que aconteceu em França, onde o governo remeteu para 2 de junho a possibilidade de reunir assembleias litúrgicas. Depois de muitos protestos dos bispos e de muitos cidadãos e do apelo para o Conselho de Estado, a mais alta instância jurídica do país, este ordenou ao governo, em 18 de maio, que levantasse a total interdição de reunião nos lugares de culto, considerando esta “um atentado grave e manifestamente ilegal à liberdade de culto”, uma dimensão essencial da liberdade religiosa.

A desconsideração e desvalorização, como atesta o caso francês, do carácter essencial e necessário da celebração comunitária da fé para a vida dos crentes não decorrerá porventura de um intuito de perseguição religiosa, mas manifesta a indiferença e a depreciação com que uma certa mentalidade laicista pós-religiosa se vai impondo, não apenas ao nível das estruturas políticas, mas também da própria cultura que se respira nas sociedades ocidentais. E este é o mais contagiante modo atual de pôr em causa a liberdade religiosa no Ocidente.

O Pe. José Nuno Silva é capelão do Santuário de Fátima

Responsabilidade e segurança dos peregrinos no regresso ao Santuário de Fátima

Instituição quer garantir a participação do maior número de peregrinos em perfeitas condições de segurança e respeito pelas regras de desconfinamento.

Carmo Rodeia

O Santuário de Fátima retomou as celebrações com a presença de peregrinos no passado dia 30 de maio, garantindo as condições de segurança para a participação do maior número de pessoas, no estrito cumprimento das regras definidas pelas autoridades de saúde. As principais celebrações – missas e terços – decorrerão na Basílica da Santíssima Trindade, na Capelinha das Aparições e no Recinto de Oração.

As missas do Programa Oficial, de segunda a domingo, decorrerão na Basílica da Santíssima Trindade, à exceção da missa das 11h00 que, ao fim de semana, até 26 de outubro, será sempre celebrada no Recinto de Oração. Também ao domingo, a missa das 15h00, passará a ser celebrada no Recinto de Oração.

As celebrações na Capelinha das Aparições serão retomadas com a oração do terço, às 12h00, durante a semana, seguida da Eucaristia, e às 18h30 e 21h30, de segunda-feira a domingo. Também durante toda a semana, às 14h00, haverá diariamente uma hora de Reparação. Ao fim de se-

mana haverá ainda o Terço das 10h00 a preceder a Eucaristia.

As missas em língua estrangeira – italiano, inglês e espanhol – que decorriam habitualmente durante a semana na Capelinha das Aparições, assim como a procissão do Santíssimo, ao domingo, ainda não recomeçarão.

Embora não recebam celebrações, todos os outros espaços de oração e de culto estão abertos aos peregrinos tal como os espaços museológicos e comerciais.

Dentro dos espaços fechados são obrigatórios o uso de máscara e a prévia higienização das mãos.

Durante as celebrações, a máscara só deverá ser retirada no momento da comunhão, que continuará a ser distribuída na mão.

Os peregrinos deverão respeitar todas as indicações dos acolhedores, nomeadamente nas filas para a comunhão e na ocupação dos lugares sentados, dentro dos espaços de culto e de oração.

As capelas da Reconciliação e da Adoração mantêm os horários habituais, devendo os pere-

grinos observar todas as regras de distanciamento, etiqueta respiratória e higiene.

A Bênção dos Veículos passa a realizar-se semanalmente, a partir do dia 31 de maio, ao domingo, no parque 12, ao lado do Centro Pastoral de Paulo VI, às 12h45 e às 17h00.

AGENDA

junho

19 sex	SOLENIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
24 qua	SOLENIDADE DO NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA
29 seg	SOLENIDADE DE S. PEDRO E S. PAULO

julho

1 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO VESTIDA DE BRANCO 21h15 <i>Convívium</i> de Santo Agostinho Exposição comemorativa do centenário da primeira escultura de Nossa Senhora de Fátima
8 qua	CURSOS DE VERÃO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA [8 a 10 de julho]

Todos vós sereis bem-vindos a Fátima!

Durante um largo período de tempo, para muitos de nós doloroso, fomos privados de coisas essenciais. Não pudemos celebrar a Páscoa em comunidade, não pudemos peregrinar a Fátima no dia 13 de maio. Fizemos estes sacrifícios em nome de um bem maior: a saúde de todos nós, a nossa e a daqueles a quem queremos bem.

Agora é tempo de, aos poucos, retomarmos a nossa vida normal. E, para um cristão, normal é viver a sua fé em comunidade, respeitando as regras para a preservação da saúde mas em comunidade.

O Santuário está preparado para vos acolher, sempre no respeito pela saúde de cada um de vós.

Convido-vos a aproveitardes este tempo como oportunidade para uma melhor vivência da fé para que, como os nossos queridos pastores, crescamos na bondade e no serviço aos outros.

Que Nossa Senhora, modelo de Igreja que sabe ouvir a Palavra de Deus e acolher o dom do Espírito Santo, nos ajude a vivermos com alegria este tempo. E que do Céu continue a interceder pelo Povo de Deus e pela Paz no mundo.

Pe. Carlos Cabecinhas | Reitor do Santuário de Fátima

